

## Migração, Identidade e Fronteira no Vale do Araguaia/MT

Gabriela Dambros (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)<sup>1</sup>

José Almicar Bertholini de Castro (Universidade Federal de Mato Grosso)<sup>2</sup>

Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad (Universidade Federal de Santa Maria)<sup>3</sup>

Maria Henriqueta dos Santos Gomes (Faculdade de Cuiabá)<sup>4</sup>

### Resumo

A ocupação de terras no período recente do Estado de Mato Grosso que ocorreu através de projeto de colonização e ocupação desordenada práticas que desconsideraram solenemente as etnias indígenas e a população tradicional. O processo de ocupação veio acompanhado da construção e a reconstrução da identidade na fronteira que se caracteriza por contradições e confrontos de diferentes grupos étnicos. A fronteira muito além de separar dois espaços distintos contempla o estabelecimento de relações de diferentes etnias – indígenas, gaúchos, maranhenses - na região de Querência e Vila Rica. Existe um intercâmbio e enfrentamento cultural, social e político em decorrência da identidade étnica dos grupos, tal identidade pode ser referida como contrastiva como bem assegura Oliveira. Migração, identidade e fronteira são categorias de análises que este trabalho procura desenvolver dentro do contexto da região de Querência e Vila Rica.

**Palavras chave:** Identidade. Fronteira. Migração. Querência. Vila Rica.

### Abstract

Land occupancy in recent years the State of Mato Grosso that occurred through colonization project and disorderly occupation practices that gravely disregarded the indigenous ethnic groups and traditional populations. The process of occupation was accompanied by the construction and reconstruction of identity at the border which is characterized by contradictions and clashes of different ethnic groups. The boundary beyond separate two distinct spaces include the establishment of relations of different ethnic groups - indians, gauchos, maranhenses - in the region of Querência and Vila Rica. There is an exchange and cultural, social and political confrontation due to the

---

<sup>1</sup> <http://lattes.cnpq.br/6582930358399642> – UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, e-mail: [gabbydambros@yahoo.com.br](mailto:gabbydambros@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> <http://lattes.cnpq.br/2898683321282839>, UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT, e-mail: [joseamilcarbertholini@gmail.com](mailto:joseamilcarbertholini@gmail.com)

<sup>3</sup> <http://lattes.cnpq.br/7689442989367017> - UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, e-mail: [profleo@ig.com.br](mailto:profleo@ig.com.br)

<sup>4</sup> <http://lattes.cnpq.br/4095201643123088>, FAUC – Faculdade de Cuiabá, Cuiabá/MT, Brasil, e-mail: [mariahenriqueta@hotmail.com](mailto:mariahenriqueta@hotmail.com)

ethnic identity of groups such identity can be referred to as contrastive as well ensures Oliveira. Migration, identity and border are categories of analysis that this work seeks to develop within the context of Querência region and Vila Rica.

**Key Words:** Identity. Border. Migration. Querência. Vila Rica.

É de bom tamanho nem largo nem fundo. É a parte que te cabe deste latifúndio. Não é cova grande, é cova medida. É a terra que querias ver dividida. É uma cova grande pra teu pouco defunto. Mas estarás mais ancho que estavas no mundo.<sup>5</sup>

## Introdução

O presente trabalho versa acerca do processo de migração do Nordeste<sup>6</sup> do Estado de Mato Grosso, mais precisamente nos municípios de Querência e Vila Rica. Dando ênfase para a discussão da Identidade Étnica, para tanto, nos embasamos em alguns autores que tratam deste conceito. Vale referir, que esta investigação faz interface com a minha dissertação defendida no ano 2012, que contempla como objeto de estudo as fontes iconográficas representadas pelos Murais da Libertação<sup>7</sup>. Como bem assevera Cardoso e Mauad (1997), a utilização de fontes históricas não escritas já vem de longa data, ressignificando a noção de texto, que deixou de

---

<sup>5</sup> Música: Funeral de um Lavrado /Chico Buarque Hollanda / João Cabral de Mello Neto

<sup>6</sup> A microrregião do Norte Araguaia corresponde aos municípios de Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia, Canabrava do Norte, Confresa, Luciara, Novo Santo Antônio, Porto Alegre do Norte, Ribeirão Cascalheira, Santa Cruz do Xingu, Santa Terezinha, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Serra Nova Dourada, Vila Rica e Querência, que pertence à microrregião de Canarana. A população da localidade não passa dos 150.000 habitantes, bastante dispersos, sendo importante referir que a mesma ficou conhecida nacionalmente como o "Vale dos Esquecidos" pela precária atuação do Estado.

<sup>7</sup> Os Murais da Libertação também são conhecidos por Murais do Araguaia ou Murais da Prelazia. É um conjunto de obra de arte, totalizando onze painéis, espalhados nos altares das Igrejas, Sedes e Paróquias da Prelazia de São Félix do Araguaia, os murais materializam o cotidiano do Araguaia, é uma mescla de motivos religiosos e crítica social.

contemplar exclusivamente o material escrito, permitindo uma infinidade de “novos textos”, dentre eles a pintura e a fotografia, por exemplo. A leitura e análise desse material possibilitam a percepção - por parte do investigador - de inúmeras experiências vivenciadas pela população da região (indígenas - Xavante, Tapirapé, Karajá, Kayapó - trabalhadores rurais, religiosos, migrantes etc.). A área sob a jurisdição da Prelazia<sup>8</sup> pode ser identificada como um importante pólo de atração de migrantes vindos do Piauí, Ceará, Pará, Maranhão, Goiás e dos estados do Sul do Brasil. Na sua maioria podem ser identificados como posseiros, que saíram de sua região na busca de melhores oportunidades.

O recorte espacial deste estudo é a Prelazia de São Félix do Araguaia, localizada no Nordeste de Mato Grosso, fazendo fronteira com Pará e Tocantins, sendo parte integrante da Amazônia Legal, tendo uma área aproximada de 150.000 km<sup>2</sup>, situada entre os rios Araguaia e Xingu. As terras da região são muito férteis, compostas por matas, pastagens e florestas, havendo uma fauna muito exuberante, além de planícies fluviais.<sup>2</sup>

Nesta investigação, utilizamos os pressupostos da pesquisa documental e fontes orais, enfatizando as reflexões e conceitos adequados para elaboração do trabalho. Além da pesquisa documental, nossa investigação utilizou, também, a bibliográfica, com o propósito de compreender teoricamente os principais conceitos utilizados na mesma, merecendo destaque as considerações acerca da Identidade, Etnia, Frente Pioneira, Frente de Expansão, entre outros. No que diz respeito ao método utilizado na abordagem do problema, destacamos a pesquisa qualitativa que busca interpretar e atribuir significados aos fenômenos estudados. Ainda sobre as questões metodológicas, devemos destacar que a presente pesquisa pode ser identificada como exploratória, uma vez que visa proporcionar maior familiaridade com o problema, podendo ainda ser identificada como descritiva, visto que detalharemos as características da região e do fenômeno estudado.

---

<sup>8</sup> Prelazia é um tipo de circunscrição eclesiástica, que não possui independência financeira. “Chama-se de Prelazia uma diocese ainda não plenamente organizada.

## Desenvolvimento

Após 1937, com a política da Marcha para o Oeste as tentativas de ocupar e atrair investimentos para a área Norte e Centro Oeste do Brasil (o atual Estado de Mato Grosso) se intensificaram, mas os efeitos concretos só vieram nos anos 1970, com a transformação da região em “Fronteira Agrícola” e fartos incentivos do Governo Federal à empresários, viabilizados por órgãos como a SUDAN - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - e a SUDECO - Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste, e programas governamentais como o PIN – Programa de Integração Nacional – e o POLONOROESTE – Programa de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil -, que canalizaram para a mesma, incentivos fiscais, linhas de financiamentos, juros subsidiados e prazos generosos.<sup>9</sup>

O direcionamento por parte do governo em orientar os fluxos migratórios para as novas áreas de povoamento favoreceria o “esvaziamento” dos conflitos sociais nas regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. Ou seja, no nível do discurso oficial, os problemas sociais ocasionados pela disputa política no campo encontram-se relacionados à concentração de pequenos produtores rurais em determinadas áreas do país. Nada mais natural, nessa lógica, que o governo apresentasse um plano de “reajuste demográfico”<sup>10</sup> nacional, a fim de aliviar as tensões sociais. Contudo, a produção desse discurso aparece associada a uma prática política militarizada, em que os órgãos estatais – aparelhados com os instrumentos de violência – reorganizam-se para desmobilizar politicamente os trabalhadores rurais, concentrar enormes parcelas de terras nas mãos da iniciativa privada e controlar os fluxos migratórios, estimulando o que chamam de “colonização dirigida”. Tais práticas resultaram em uma contra reforma agrária no Brasil, nas palavras do sociólogo Octávio Ianni.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> JOANONI NETO, Vitale. *Fronteiras da crença: ocupação do Norte de Mato Grosso após 1970*. Cuiabá: Ed. UFMT/Carlini Caniato, 2007.p.45.

<sup>10</sup> Cf. GUIMARÃES NETO, Regina B. *A lenda do ouro verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: Editora UNICEN, 2002.

<sup>11</sup> IANNI, Octavio. *Colonização e Contra Reforma Agrária*. Petropólis: Vozes, 1979.

Falar de migração implica tratar da produção do espaço, logo conceitos como Território<sup>12</sup>, Reterritorialização e Desterritorialização, precisam ser considerados. As reflexões do geógrafo Rogério Haesbaert nos ajudam a pensar a territorialização da seguinte maneira: abrigo físico, fonte de recursos materiais ou meio de produção; identificação ou simbolização de grupos através de referentes espaciais – a começar pela própria fronteira. A territorialidade é a dimensão simbólico-cultural do território, especialmente no que tange aos processos de identificação territorial, ou seja, as propriedades gerais reconhecidamente necessárias à existência do território. Podemos afirmar que a territorialidade é uma estratégia política e cultural, ou seja, uma identidade territorial, que também está contida, nos diferentes espaços.

O fenômeno migratório nos permite perceber as transformações que se processam em um território, via de regra regido por um Estado Nação, e o modo como paulatinamente passa para o domínio de redes -território de rede- onde o movimento migratório é articulador da sua reconstrução.

No que tange a desterritorialização, vamos citar uma passagem que elucida muito bem essa prática:

Tratam-se de espaços que, “arrasados” e padronizados à feição do modelo dominante, muitos preferem considerar espaços sem história, sem identidade. Neles, a velocidade atroz das novas tecnologias transforma num ritmo alucinante a paisagem e incorporam áreas imensas numa mesma rede hierarquizada de fluxos alinhavada em escalas que vão muito além dos níveis local e “regional”. Mas este mesmo processo que, por um lado, produz redes que conectam os capitalistas com as bolsas mais importantes do mundo e aceleram a circulação da elite planetária, por outro gera uma massa de despossuídos sem as menores condições de acesso a essas redes e sem menor autonomia para definir seus “circuitos de vida”. Essa massa “estrutural” de miseráveis, fruto em parte do novo padrão tecnológico imposto pelo capitalismo, fica totalmente marginalizada do processo de produção, formando assim verdadeiros amontoados humanos – daí sugerimos o termo aglomerados de exclusão para os espaços ocupados por esses grupos – que

---

<sup>12</sup> [...] o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural. Assim no [espaço delimitado há um híbrido], [...] entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e "idealidade", numa complexa interação tempo-espaço, [...] na indissociação entre movimento e (relativa) mobilidade, [...] [entre] fixos e fluxos, circulação e 'iconografias' [...]. HAESBAERT, 2004, p. 7.

muitas vezes, como indica KURZ (1992), não podem ser vistos nem mesmo na acepção marxista de exército industrial de reserva.<sup>13</sup>

Neste sentido, podemos elucidar a exclusão de povos indígenas, peões, população tradicional e posseiro considerados como os segmentos sociais mais vulneráveis, que são expropriados de suas áreas, para a implantação de fazendas e empresas agropecuárias, situação semelhante a esta foi corriqueira na região de Santa Terezinha (MT), onde o conflito por terra foi muito presente, um fato marcante foi o episódio do dia três de março de 1972, que Esterci relata da seguinte maneira:

... um grupo de posseiros defrontou-se com membros da força policial de estado e empregados da CODEARA, ferindo sete componentes do grupo de policiais e empregados da empresa. O confronto se deu no lugar onde o vigário de Santa Terezinha, padre Francisco Jentel, mandara construir um ambulatório, obra contestada pela empresa que alegava não estar, a mesma, localizada de acordo com o plano de urbanização da futura cidade. Na ocasião, o oficial de polícia levava consigo uma ordem de prisão contra membros da Missão Religiosa Católica de Santa Terezinha e se dirigia ao local da obra a pretexto de averiguar um suposto depósito de armas, arsenal do movimento subversivo que, segundo denúncia do pessoal da empresa, o vigário comandava. Em consequência do confronto, tropas do exército ocuparam a área e praticamente todos os homens adultos do povoado tiveram que refugiar-se na mata por mais de cem dias para escapar à perseguição que então se fez. A “briga do ambulatório” como ficou conhecido o episódio, foi a culminância de uma série de disputas que vinham sendo travadas entre posseiros e empresas desde 1967, quando esta viera a implantar-se nas terras de Santa Terezinha.<sup>14</sup>

Concernente a esse episódio fica claro as arbitrariedades dos grandes empresários e fazendeiros desconsiderando solenemente a população tradicional, e as consequências foram a desterritorialização dos segmentos sócias mais vulneráveis, que se encontravam desassistidos pelo Estado. Cumpre destacar que as arbitrariedades ocorridas na região de Santa Terezinha, não foi um caso isolado, em outras regiões da Prelazia foram frequentes este tipo de comportamento.

---

<sup>13</sup> HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I.; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R.L. (orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1995. p. 165.

<sup>14</sup> ESTERCI, Neide. *Conflito no Araguaia*: peões e posseiros contra a grande empresa. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 09

A colonização na área do atual município de Vila Rica<sup>15</sup>, que surge através de projeto financiado pelo Governo Federal. Estas áreas (alvos de projetos de colonização) foram pensadas para serem comercializadas para os colonos do Sul do Brasil, vinculadas as peças de propagandas com o objetivo de ilustrarem suas terras férteis e a exuberâncias existentes no lugar, estratégia utilizada para atrair colonos.

As inúmeras qualidades da região apresentadas nas peças de propagandas ou até mesmo através dos diálogos travados pelos agentes da colonizadora foram as táticas de atração nos quais os migrantes do Sul tomaram como uma verdade, naquele momento. Mas posteriormente aparece com frequência no discurso dos migrantes do Sul como logro, falsa promessa, tendo em vista, que os anúncios prometiam a riquezas, possibilidade de sucesso econômico, a terra com extensão bem maior que as do Sul do Brasil, e ainda mais, que eram “espaços vazios”. Entretanto, os discursos presentes nas peças de propagandas e as falas dos agentes da colonizadora não procediam com a realidade.

Outro aspecto significativo são as representações simbólicas presentes no espaço social. No caso de Vila Rica, são os símbolos cristãos que se apresentam com maior destaque. O desenho da cidade de Vila Rica, em forma de sino, evoca os tempos da história da colonização do Brasil no período colonial, emitindo os sinais da ostentação da riqueza aurífera. A construção dessas imagens, indissociável de uma densa representação simbólica, tem uma correspondência

---

<sup>15</sup> Na viagem de campo ao município de Vila Rica realizada em julho de 2010, pude averiguar que há uma diferença significativa na área deste projeto de colonização se comparada com as áreas que apresentam a “migração desordenada”. No primeiro podemos perceber a organização na planta da cidade, as configurações e disposições das ruas, avenidas e praças, fica claro o planejamento e a sistematização que houve para a sua implantação e criação. Cumpre destacar também a segregação que há entre as pessoas, que vão para estas áreas. Isso fica evidente na planta dos projetos de colonização, apresentam áreas nobres e áreas menos privilegiadas, há nesta divisão uma hierarquização explícita. Enquanto nas áreas de “migração desordenada” as cidades crescem sem esse arranjo, por vezes com nenhum planejamento, a ausência de infla-estrutura é nítida. E podemos perceber a diferença com facilidade nas áreas com projeto de colonização financiado pelo Governo Federal e áreas que acontecem a migração forçada.

direta na construção narrativa que os colonizadores produzem, sobretudo quando insistem em dizer que as “cidades da colonização” são aquelas onde mais se trabalha no Brasil.<sup>16</sup>

Diante das experiências da pesquisa, idas a campo e conversas com moradores<sup>17</sup>, as análises feitas acerca desses relatos de pessoas vindas de Santa Catarina, podemos apontar os motivos de sua migração para o Estado de Mato Grosso, crivadas em suas falas o aspecto laboral e o “pedaço de terra”. Sabemos, entretanto, que as causas da migração são mais complexas e envolvem aspectos pertinentes a determinados tempos históricos, implicando decisões individuais, familiares ou coletiva, influenciadas pelas ações governamentais.<sup>18</sup>

A título de ilustração, o depoimento a seguir ilustra os desencontros entre as propagandas e o lugar:

[...] O aparato propagandístico cuidou da tarefa de nos persuadir, queríamos a eldorado e ele era mostrado através de músicas, TV, slides, fotografias. Enfim Vila Rica, como o próprio nome já dizia era o local ideal, de pessoas com ideais [...] Um lugar para se ficar rico. A compra foi feita por minha mãe, sem ao menos vir olhar as terras, ela mandou seus 3 genros para representar, que olharam, analisaram e somente um se agradou. Mesmo assim, ela fez negócio no mês de abril do ano de 1983. Fizemos a safra que nem cobriu as despesas de plantio. Com a venda da terra, quitamos a dívida e em setembro, aos 18 dias chegamos em Vila Rica. No caminho a poeira, as costelas de vaca, que faziam pessoas e coisas, coisas e pessoas sacolejarem de um lado para outro, foi nos mostrando o que nos esperava neste sertão, a quase 3800 km de distância da minha terra, do meu lugar... Porém, mesmo assim nós queríamos acreditar... em Vila Rica seria diferente. Com a travessia do Araguaia ficou evidente que tudo mudaria, mas não imaginávamos que tanto. O desespero era grande, casas, pessoas, mosquitos, tudo hostil, tudo diferente [...] que lugar era esse? Que pessoas eram essas? Tão ressequidas, tão queimadas pelo sol? De olhar distante na estrada procurando algo ou alguém que nunca chegava. Que comida era essa que

<sup>16</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Mato Grosso: cidades, vilas e outras áreas entre o urbano e o rural*. In: JOANONI NETO, Vitale; HARRES MARQUES, Marluza (Org.). *História, Terra e Trabalho em Mato Grosso: ensaios teóricos e resultados de pesquisas*. São Leopoldo: Oikos; Unisinos; EdUFMT, 2009.

<sup>17</sup> Uma jovem de vinte e quatro (24) anos relata que os pais migraram para Vila Rica, em busca de um trabalho mais digno e na esperança de que tivessem um rendimento maior, pois em Santa Catarina, o pai trabalhava em uma granja de porcos e não recebia um bom salário. A vida em Vila Rica melhorou muito, agora possuem um pedaço de terra e todos os membros da família trabalham. Não se cogita a possibilidade de voltar para Santa Catarina. Entretanto, cumpre destacar que em muitos casos a migração não resultou em prosperidade econômica.

<sup>18</sup> FIGUEIRA, Ricardo Rezende. *Pisando fora da própria sombra: a escravidão por dívida no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 20004.



queimava a boca, a garganta? Geladinho, pamonha, pequi? Que língua era essa falada nesse trajeto, que cada vez mais se distanciava de casa, da nossa casa? [...]<sup>19</sup>

Diante deste depoimento, podemos perceber que o poder da persuasão da propaganda sobre os moradores da região sulista é muito forte, entretanto, os colonos ao chegarem à região, ou até mesmo no caminho que os levam para o novo lugar, para a terra da promessa, vão desvendando outras realidades, não trazidas nas propagandas e que se mostram paulatinamente durante o percurso e a chegada no lugar de destino. A discrepância entre a propaganda e a realidade é ilustrada no depoimento, desconstruindo o imaginário criado a partir das peças publicitárias.

Apesar de o foco desta investigação ser as regiões de Querência e Vila Rica, podemos observar algumas outras regiões da Prelazia, que receberam migrantes do Nordeste do Brasil, movidas pela seca, pela falta de terra para o trabalho, ou por outras motivações econômicas.<sup>20</sup> O Estado de Mato Grosso, foi uma das possibilidades para superar essas condições apresentadas nos seus lugares de origem. Um dos fatores de atração dos migrantes pode ser destacados como as terras “desabitadas” e férteis, o objetivo era somente um, encontrar um lugar melhor para a sobrevivência. Segue o depoimento de um nordestino, que veio para o Estado de Mato Grosso, tentar a sorte:

[...]Meu nome é José Vicente Filho, nascido no Ceará [...] Trabalhava na lavoura [...]E o senhor saiu de lá porque? [...] Sai por causa di di di seca né. O ano que eu sai de lá eu, nós tinha uma lavora te muito boa, muito grande perdemos tudo. Sabe cume tudo perdendo totalmente [...] <sup>21</sup>

Percebemos na fala do depoente, a seca que assola as regiões do Nordeste brasileiro, exposta como motivação para sua migração. São discursos recorrentes, que mostram uma

---

<sup>19</sup> Depoimento. Santa Terezinha, 25 de Março de 2000. A Entrevistada nascida no interior do Rio Grande do Sul, narra dramaticamente as asperezas da viagem do sul do país ao norte de MT, o choque cultural vivido por ela ainda na infância, e do “engodo” do projeto colonizador, que tanto a fez sofrer.

<sup>20</sup> Por trás da seca, segundo Souza; Medeiros Filho (1983, p. 7), existe e persiste uma estrutura social regional/nacional que mantém a população numa situação de dependência e subordinação; uma política de desenvolvimento regional que relegou a economia rural a uma situação de deplorável rotina; e, sobretudo, nada fez para integrar aqueles contingentes de camponeses e trabalhadores sem terra, que são os mais atingidos pela seca. Apud FARIA VALES.

<sup>21</sup> Depoimento, 15 de junho de 2002.

ausência de perspectiva de vida naquela região, restando àquelas pessoas a migração, a procura de uma vida melhor, o que nem sempre acontece.

No que diz respeito aos migrantes nordestinos, é pertinente apontar as reflexões do professor Durval Muniz de Albuquerque, acerca da “Invenção do Nordeste”. Neste texto, procura elucidar um problema equacionado pelo processo de integração nacional, seja no campo econômico, político ou cultural. Tal espaço, visto como diferenciado pelo processo de desenvolvimento nacional, capaz de ser equiparado através de políticas de planejamento, servem cada vez mais de referência para a elaboração de discursos regionalistas e para práticas discriminatórias em relação a "outros brasileiros", fatos que são tomados como sintomas da fragilidade da nossa identidade nacional, como produtos do esgarçamento do tecido da nação.<sup>22</sup>

Diante desta afirmação, podemos verificar que a representação do Nordeste do Brasil, equivale a atribuições de significados àquela região, foi um processo de construção de uma identidade, pautada em elementos tais como a fome, a seca, a miséria, criando um contraste se comparada com outras regiões do Brasil, que portadoras de situações semelhantes, não são vistas como o Nordeste, de maneira homogeneizante, inventividade que atribuída, como denomina Albuquerque, à construção de uma tecelagem histórica.

Visto isso, podemos dialogar com os discursos empregados pelos sulistas, os quais atribuem significados pejorativos aos migrantes nordestinos, isso fica claro, em alguns depoimentos.

Cumprir referir o conceito de identidade, questão que também permeia os migrantes, ou seja, eles reterritorializaram um novo espaço e com eles trazem uma bagagem cultural, costumes, características específicas de um determinado Estado – origem -, que passam a aglutinar novas características típicas da região de destino.

Assim, procura-se mostrar que o migrante, enquanto produtor do espaço é um sujeito com identidades adquiridas em rotas anteriormente percorridas, que se fundem e se completam, alterando os referenciais identitários no espaço e no tempo, perdendo seu caráter mais

---

<sup>22</sup>ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Nos destinos de fronteira: História, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

estabilizado em tomo de uma cultura (identidade), criando novas posições de identificação, mais plurais, menos unitárias e estáveis, múltiplas e em permanente (re)construção.<sup>23</sup>

O migrante tem diversas identidades, aquela de origem e outras que foram adquiridas ao longo de seu percurso. Identidades que são ressignificadas\_o tempo todo em contato com outras culturas.

Passaremos agora a discorrer acerca dos Murais da Prelazia de São Félix do Araguaia/MT, estes são capazes de vincular um conteúdo teológico-político fundamental para a constituição/ressignificação da identidade de grande parte dos moradores locais, identificando aquela Igreja como sendo uma “Igreja dos Oprimidos”<sup>24</sup>, além de contribuir com a atividade pedagógica evangelizadora ao apresentar os ideais políticos/pastorais da Prelazia.

A título de ilustração, a imagem abaixo traz as feições de migrantes sulistas, bem como, de nordestinos migrantes, há também representações dos indígenas, das mulheres e crianças. O artista destaca a diversidade cultural presente na região de Querência- MT.

**Mural da Libertação: Na Ceia Ecológica do Reino. Na Igreja de Querência, 2001. Maximino Cerezo Barredo.**

<sup>23</sup> In: [http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/dis\\_teses/07/analiafariasvale.pdf](http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/07/analiafariasvale.pdf). Acessado 5 de junho 2010.

<sup>24</sup> Igreja dos Oprimidos é uma denominação auto-atribuída pelos membros da Igreja Católica em relação à sua atuação em favor dos pobres. Conforme informações contidas no site da Prelazia de Ji-Paraná (RO), o documento de Puebla usa o termo “pobre” no sentido bíblico: o curvado, o oprimido. O termo nas escrituras sagradas designa o escravo, o estrangeiro, o perseguido, o cativo. Não apenas o necessitado carente de recursos materiais, mas também o oprimido, o explorado. Encontramos ainda referência ao fato do termo não tratar apenas do indivíduo contemplando uma coletividade mais ampla, tais como indígenas, afro-americanos, camponeses sem terra, operários, desempregados e subempregados, marginalizados, entre outros (Puebla 1979).



**GOMES, Maria H.S. Viagem a Campo ao Nordeste do Estado de Mato Grosso - Julho de 2010.**

O Mural acima representa uma ceia servida no chão, ao invés de posta na mesa, (re)significando a ceia sagrada representado no livro bíblico. Na Ceia retratada pelo artista Cerezo<sup>25</sup> são oferecidas banana, pão, vinho, chimarrão e queijo, alimentos típicos da região com a inserção do chimarrão, como bebida relacionada à uma tradição sulista. O objetivo do pintor foi representar os diferentes grupos sociais ao redor da ‘mesa’, podemos perceber através das representações das diferentes identidades e também pela culinária típica de cada região.

Na Ceia Ecológica do Reino cabem todos os grupos e todas as esperanças, de tal sorte que essa ceia contempla as diversas culturas e identidades. A figura de Jesus Cristo, semelhante a um caboclo, provoca a identificação do mesmo com o homem simples do Araguaia. A fim de criar uma identidade desta região, remetendo-se as várias etnias presentes na região de Querência.

---

<sup>25</sup> Maximino Cerezo Barredo é sacerdote, missionário claretiano, nascido em Villaviciosa, Astúrias, Espanha, 1932. Estudou pintura e desenho na Escuela de Bellas Artes de San Carlos, Valência, e na Escuela de Bellas Artes de San Fernando, Madri. Como professor dessa última escola lecionou Arte Sacra durante três anos e simultaneamente exerceu assessoria religiosa na Escuela Superior de Arquitectura, de Madri. Foi co-fundador da revista de arte sacra ARA e participou ativamente do movimento de arte sacra junto com outros artistas de sua geração, como Carlos Muñoz de Pablo e Quico Argüello. Considerado o pintor da libertação, com inúmeras obras de pintura e desenho, espalhadas por esse mundo afora em murais, ilustrações de livros e revistas, séries temáticas, azulejos, vitrais, cartazes.

Estão presentes, as figuras de índios, posseiros, homens, mulheres, negros, brancos, todos representando a base da Igreja, partilhando de um mesmo sentimento de fraternidade. É a união em torno da fé e a representação de uma comunidade harmônica.

Ao fundo da imagem, identificamos uma quantidade significativa de verde, representando a riqueza da região, com matas férteis, arvoredos e arbustos; à esquerda de quem olha o mural percebemos o leito de um rio, cercado de uma vegetação bastante vistosa, mas ainda nascente. Atribuímos a essa imagem a forte presença do Rio Araguaia no cotidiano dessas populações. Nas duas extremidades laterais do mural encontramos, de um lado, o sol, e de outro a lua, representando a passagem do tempo marcada pelo dia e pela noite.

Como é possível perceber, os murais veiculam todo o conteúdo teológico-político fundamental para a consolidação do processo de ressignificação bíblica e religiosa dos conflitos e histórias do Araguaia, ficando nítida a identidade da Prelazia como “Igreja dos Oprimidos”. A imagem mostra como o sagrado está presente no cotidiano do Araguaia e de sua gente, com seus personagens (peões, posseiros, índios, mulheres e crianças) impressos na maioria das imagens. Todas essas informações estão explícitas nos painéis.

Em Querência, assim como em outras regiões de projeto de colonização, atração de migrantes, notam-se nesses espaços conflitos<sup>26</sup> e vicissitudes de identidade, em decorrência das mesclas de etnias presentes, que buscam construir novas territorialidades e redes de socialização.

Acerca do conceito de identidade, nos embasamos nas reflexões de Silva, a identidade é relacional, ou seja, a identidade de um indivíduo ou de uma etnia depende para existir, de algo fora dela, ou seja, de outra identidade, de uma identidade que ela não é. No caso da nossa

---

<sup>26</sup> Pesquisa de Campo na região de Querência - julho 2010 – verificamos através de entrevista, com um pároco e uma “irmã” – denominação religiosa -, que havia uma imposição dos migrantes gaúchos sobre a população local, com o objetivo de consagrar a identidade gaúcha na região. É importante lembrar que essa identidade é acionada somente fora da sua região de origem. Por tal motivo, é que foi pintado o mural, tentando apaziguar o desencontro das populações das diferentes etnias e harmonizar a convivência entre eles. Entretanto, não surtiu efeito para todos, um migrante gaúcho não aceitou as representações do Mural, a consequência foi uma revolta contra a iconografia materializada no altar da Igreja, um fato marcante nessa Igreja foi a depredação do mural por uma pedra na figura do negro representado no painel, uma forma de indignação e protesto.

investigação as identidades gaúcha, indígena e de caboclos presentes no Mural, se apresentam em decorrência da sua existência na região, estão representadas no Mural. Distinguem-se por aquilo que elas não são, então, aparecem marcadas pela diferença.

Podemos perceber que em Querência havia por parte dos migrantes sulistas uma luta por afirmar a sua identidade, em decorrência de tal fato foram visíveis os conflitos entre as diferentes etnias presentes. A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades.<sup>27</sup>

Faz por bem referir aqui, as discussões acerca de identidade proposta por Cardoso. Para o autor, o núcleo do conceito de identidade étnica está no fato de ela ser contrastiva, ou seja, por contato, através de interações espaciais que uma pessoa ou grupo se identifica como tal, passa a visualizar o “outro” de forma etnocêntrica. Cardoso desenvolve tal perspectiva ao trabalhar com o estudo dos contatos inter-étnicos ( “fricção inter-étnica” ) em áreas de expansão da fronteira demográfica e econômica da “civilização” na Amazônia.<sup>28</sup>

O Mural traz a mescla étnica e cultural, que está presente na região de Querência, a qual se deve ao projeto de colonização. É possível perceber que, ao mesmo tempo em que se estabelecem as configurações das diferenças étnicas e culturais, pontos de partida para a materialização destas “raças”, com o objetivo de minimizar o preconceito, evidenciando e ocasionando a dinâmica de interações entre as personagens que habitam a região.

A título de ilustração, referimo-nos a Canclini, que assevera que a fronteira é pensada como prática social e multicultural do processo de reocupação de territórios – especialmente áreas indígenas e de posses antigas – relacionada aos constantes deslocamentos de grupos sociais.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. p. 21.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo, Pioneira. 1976.

<sup>29</sup> CANCLINI, Nestor G. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 114.

Com efeito, Haesbaert contribui nesta discussão acerca da multiplicidade territorial em que todos (e não só os migrantes) estão mergulhados, analisam-se os traços fundamentais que marcam a existência de múltiplos territórios (do tipo mais funcional ou mais simbólico, com os sujeitos que o promovem - empresas, o Estado, grupos culturais -, e com níveis de intensidade da atuação do ‘poder’), a experiência cada vez mais intensa daquilo que Haesbaert denomina ‘multiterritorialidade’.

A título de ilustração, transcrevemos o trecho de um poema de Casaldáliga acerca da obra Na Ceia Ecológica do Reino:

O pão, o chimarrão,  
as bananas, o queijo,  
em partilha fraterna.  
Na roda desta Ceia  
cabem todas as lutas,  
todas as esperanças.  
Nesta Ceia se abraçam  
as diversas culturas<sup>30</sup>

Dom Pedro Casaldáliga complementa a leitura da obra de arte do artista Cerezo com um poema, as duas artes potencializam a mensagem de harmonia, de fraternidade que se desejam naquele espaço de convivência com as diferentes identidades e culturas.

A professora Neide Estercei assegura que, apesar da concentração fundiária no vale Vale do Araguaia, cujas terras foram apropriadas por grandes grupos econômicos do Sul/Sudeste, os migrantes pobres continuaram se deslocando para a região. Em consequência desta (re)ocupação, de um lado por grandes empresários, e de outro por agricultores familiares à procura de terra para se reproduzirem, houve vários conflitos pela posse da terra ao longo das décadas de 1970 e 1980.

---

<sup>30</sup> JESUS BORGES, Laudimiro de. Murais da Libertação na Prelazia de São Félix do Araguaia, Mato Grosso, Brasil. Fotografias: José María Concepción. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

No que se refere as etnias indígenas, estas viram seus territórios reduzidos ao longo do tempo, haja vista, que foram vítimas de atrocidades e crueldades por parte dos grandes empresários, do poder local, os fazendeiros e até mesmo dos poderes públicos.

Houve uma diminuição das etnias indígenas em consequência das doenças, conflitos internos, e da subversão externa, bem como a pressão territorial das frentes pioneiras. Com efeito, os estudos de Martins (2009) sobre frente pioneira, retrata muito bem a realidade dessas regiões, desconsiderando severamente os indígenas e tendo como referência o empresário, o fazendeiro, o comerciante e o pequeno agricultor moderno e empreendedor, ou dito de outra forma, o não índio.

O modo de ver a fronteira, como frente pioneira, a partir do qual a realidade é observada, é também situação espacial e social que convida ou induz à modernização, à formulação de novas concepções de vida, à mudança social. Ela constitui o ambiente oposto ao das regiões antigas, esvaziadas das populações tradicionais. Segundo José de Souza Martins em uma entrevista a revista *Travessia*, diz que “Tanto a frente de expansão como a frente pioneira têm uma dinâmica regulada pelo conflito e pela violência, por critérios de justiça privada do pistoleiro, do crime de encomenda, geralmente o crime impune”.<sup>31</sup>

A história das lutas étnicas e sociais é a história contemporânea da fronteira no Brasil. Entre 1968 e 1987 diferentes tribos indígenas da Amazônia sofreram pelo menos 92 ataques, pelos grandes proprietários de terra com ajuda de seus pistoleiros. Existiram também ataques indígenas sobre as grandes fazendas e alguns povoados (Martins, 2009).

Oliveira, que assevera que a política de identidade se concentra em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> MARTINS, José de Souza. Frente de Expansão: Os novos espaços de velhos problemas. In: *Travessia: Revista do Migrante*. Publicação do CEM – Ano XVII, Número 048, Janeiro-Abril/2004.

<sup>32</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.



Caso exemplar é o do Grupo de religiosas denominado Irmãzinhas de Jesus, que trabalham junto à etnia Tapirapé, próxima a Santa Terezinha desde 1952, convivendo com aquele povo que estava à beira da extinção, reduzidos a 52 pessoas, dos mais de mil e quinhentos indivíduos no início do século passado. As doenças trazidas pela nossa sociedade foram as responsáveis pela sua quase dizimação.

As irmãzinhas chegaram à aldeia com uma proposta de trabalho missionário diferente daquelas que até aquele momento eram postas em prática. Em primeiro lugar elas escolheram o grupo mais frágil e ameaçado da região. Se não houve um apoio amigo, solidário, respeitoso, e permanente eram grandes as chances de os Tapirapé desaparecerem como povo. Em segundo lugar, porque elas se propuseram a conviver com os Tapirapé, participando do jeito deles viverem, respeitando a cultura e a língua, aprendendo com eles e prestando a ajuda que era mais urgente e necessária naquele momento, o atendimento a saúde. A presença solidária das Irmãzinhas contribuiu para que os Tapirapé recuperassem o gosto pela vida e pelo modo de ser Tapirapé. Hoje, eles já somam mais de 700 pessoas, depois de terem chegado muito perto da extinção.<sup>33</sup>

As irmãzinhas souberam criar confiança, tornando parte do grupo étnico Tapirapé compartilharam da mesma cultura. Estavam sempre disponíveis para ajudar. Foi neste contato que se estabeleceu um plano de igualdade e amizade. Entretanto, esta era a postura que fugia à regra em relação ao tratamento com os povos indígenas.

### Considerações Finais

O Araguaia é cenário de inúmeros conflitos de terra ocorridos entre os colonizadores recém-chegados a região e as populações que já estavam na localidade. Essa fronteira pode ser identificada como uma zona de tensão onde o contato entre colonos, posseiros, indígenas e outros foram intenso e encontraram na atuação da Igreja Católica, especialmente de Dom Pedro, um aliado importante na defesa dos interesses dos grupos mais fracos.

Tal idéia (a dimensão do conflito como fundadora da identidade) aparece na noção de identidade contrastiva proposta por Cardoso de Oliveira ao abordar as relações inter-étnicas.

---

<sup>33</sup> O CIMI e a caminhada dos povos indígenas na Prelazia. Jornal Alvorada Prelazia de São Félix do Araguaia, MT. Ano 40- número 281 Maio/Junho 2010.

Assim, a identidade étnica seria forjada a partir de um sistema de “oposições” ou contrastes”. Dessa forma, busca-se não perder de vista o que traz a dimensão aristotélica da definição de identidade (aquilo que é idêntico, o mesmo) com uma abordagem que dê conta do que a configuração das identidades sociais traz em termos de conflitos e antagonismos. O idêntico e o oposto passam a ter pesos próximos ou similares na construção das identidades sociais.

Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável e deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”<sup>34</sup>

Portanto, percebermos que há uma transformação nessas identidades, que vão se alterando ao longo do tempo, são novos valores, que se aglutinam em detrimento de outros já existentes, ou atribuindo outros significados ao tradicional. Contudo, isso fica claro, com os migrantes, apesar de um número significativo destes tentarem por meio de símbolos – chimarrão, CTG, canções, vestes – perpetuar uma identidade supostamente autêntica das suas cidades de origem acabam por se incorporar novos elementos, ainda que possa ser possível percebermos um esforço no sentido da manutenção desta identidade, cumprindo a função de distinguir os diferentes grupos sociais nos novos locais.

## Bibliografia

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira: História, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

BARROZO, João Carlos. *Os assentados e os assentamentos rurais do Araguaia*. In: JOANONI NETO, Vitale; HARRES MARQUES, Marluza (Org.). *História, Terra e Trabalho em Mato Grosso: ensaios teóricos e resultados de pesquisas*. São Leopoldo: Oikos; Unisinos; EdUFMT, 2009.

CANCLINI, Nestor G. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

ESTERCI, Neide. *Conflito no Araguaia: Peões e posseiros contra a grande empresa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

---

<sup>34</sup> MERCER, 1990, p. 43. Apud HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: PD&A, 1998.p. 09.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. *Pisando Fora da Própria Sombra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. *Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão*. In: CASTRO, I.; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R.L. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1995.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Mato Grosso: cidades, vilas e outras áreas entre o urbano e o rural*. In: JOANONI NETO, Vitale; HARRES MARQUES, Marluza (Org.). *História, Terra e Trabalho em Mato Grosso: ensaios teóricos e resultados de pesquisas*. São Leopoldo: Oikos; Unisinos; EdUFMT, 2009.

\_\_\_\_\_. *A lenda do ouro verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: Editora UNICEN, 2002.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: PD&A, 1998.

HOBSBAWM, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

IANNI, Octavio. *Colonização e Contra Reforma Agrária*. Petrópolis: Vozes, 1979

JOANONI NETO, Vitale. *Fronteiras da crença: ocupação do Norte de Mato Grosso após 1970*. Cuiabá: Ed. UFMT/Carlini Caniato, 2007.

JESUS BORGES, Laudimiro de. *Murais da Libertação na Prelazia de São Félix do Araguaia, Mato Grosso, Brasil*. Fotografias: José María Concepción. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo, Pioneira. 1976

\_\_\_\_\_. *Frente de Expansão: Os novos espaços de velhos problemas*. In: *Travessia: Revista do Migrante*. Publicação do CEM –Ano XVII, Número 048, Janeiro-Abril/2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

### Webgrafia

HAESBAERT, Rogério. *A Noção de Rede Regional: Reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil*. Territórios, v. 03, n.4, p.55-71. Janeiro/Junho 1998. Disponível em: [http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04\\_5\\_haesbaert.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_5_haesbaert.pdf). Acesso: 12 de junho de 2010.

\_\_\_\_\_. *Da Desterritorialização à Multiterritorialidade*. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível: [http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert\\_multi.pdf](http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf). Acesso 10 de Março de 2010.

HAESBAERT, Rogério & SANTA BÁRBARA, Marcelo de Jesus. *Identidade e Migração em áreas transfronteiriças*. <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/53>.

ROCHA, Leandro Mendes. Aruanã-go: Identidades e Fronteiras Étnicas no rio Araguaia. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/viewDownloadInterstitial/571/455>. Acesso em: 12 de junho de 2010.

SANTA BÁRBARA, Marcelo de Jesus & HAESBAERT, Rogério. *Identidade e Migração em áreas transfronteiriças*. GEOgraphia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Disponível em:

FARIAS, Ana Lia. Migração e Territorialização: As Dimensões Territoriais dos Nordestinos em Boa Vista. [http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/dis\\_teses/07/analiafariasvale.pdf](http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/07/analiafariasvale.pdf). Acesso em 30 de junho de 2010.

## Depoimentos Orais

Depoimento. Santa Terezinha, 25 de março de 2000.

Depoimento. Santa Terezinha, 15 de junho de 2002.